



## ***Autismo em mulheres: por que o diagnóstico é tão difícil?***

Jullie Soares Loureiro <sup>1</sup>



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n11p4009-4021>

Artigo recebido em 07 de Outubro e publicado em 27 de Novembro

### **REVISÃO SISTEMÁTICA**

#### **RESUMO**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento neurológico caracterizada por uma ampla variação na forma como as pessoas se comunicam, interagem socialmente e percebem o mundo ao seu redor. Os sintomas incluem dificuldades na comunicação verbal e não verbal, desafios nas interações sociais, padrões repetitivos de comportamento e interesses restritos. Sendo assim, objetiva-se investigar como as representações sociais e os estereótipos de gênero influenciam o subdiagnóstico de mulheres autistas, por meio de uma revisão da literatura existente, visando contribuir para uma compreensão mais ampla da interseção entre gênero e autismo e entender o diagnóstico tardio. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, o qual investigou sobre a dificuldade de diagnóstico de TEA em mulheres, pela coleta de dados nas plataformas PubMed, LILACS, Periódicos CAPES, EMBASE e Scielo, dos últimos 5 anos. Assim, a partir dos achados deste estudo, fica claro que o entendimento do TEA em mulheres ainda está em processo de evolução. A complexidade do diagnóstico e a necessidade de abordagens mais inclusivas e adaptadas demandam mais pesquisas aprofundadas que explorem as nuances da manifestação do transtorno no sexo feminino, incluindo os aspectos culturais, sociais e neurobiológicos. Somente por meio de uma investigação contínua será possível otimizar o diagnóstico, reduzir o subdiagnóstico e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida das mulheres com TEA.

**Palavras-chave:** Subdiagnóstico do Autismo; Diagnóstico do Autismo; Mulheres.



# Autism in Women: Why Is the Diagnosis So Difficult?

## ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurological developmental condition characterized by a wide variation in how individuals communicate, interact socially, and perceive the world around them. Symptoms include difficulties in verbal and non-verbal communication, challenges in social interactions, repetitive behavior patterns, and restricted interests. This study aims to investigate how social representations and gender stereotypes influence the underdiagnosis of autistic women through a literature review, aiming to contribute to a broader understanding of the intersection between gender and autism and the reasons behind late diagnosis. This is a systematic literature review, which examined the difficulty in diagnosing ASD in women by collecting data from platforms such as PubMed, LILACS, CAPES Periodicals, EMBASE, and Scielo over the last 5 years. The findings of this study clearly show that the understanding of ASD in women is still evolving. The complexity of diagnosis and the need for more inclusive and adapted approaches call for further in-depth research that explores the nuances of how the disorder manifests in females, including cultural, social, and neurobiological aspects. Only through continuous investigation will it be possible to optimize diagnosis, reduce underdiagnosis, and ultimately improve the quality of life for women with ASD.

**Keywords:** Underdiagnosis of Autism; Autism Diagnosis; Women.

**Instituição afiliada** – <sup>1</sup>Afya Jabotão dos Guararapes.

**Autor correspondente:** *Lucas Oliveira Nepomuceno de Alcântara*  
*nepomucenolucas@hotmail.com*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **INTRODUÇÃO**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento neurológico caracterizada por uma ampla variação na forma como as pessoas se comunicam, interagem socialmente e percebem o mundo ao seu redor. Os sintomas incluem dificuldades na comunicação verbal e não verbal, desafios nas interações sociais, padrões repetitivos de comportamento e interesses restritos. Embora o TEA seja amplamente reconhecido, a maneira como ele se manifesta varia significativamente de pessoa para pessoa, o que torna o diagnóstico um processo altamente dependente da observação comportamental e da análise das dificuldades nas áreas de comunicação e socialização. A falta de marcadores biológicos específicos para o autismo contribui para a complexidade do diagnóstico, que ainda é predominantemente feito com base em comportamentos observáveis (Geelhand et al., 2019).

Cerca de 1% da população mundial é afetada pelo TEA, sendo que a prevalência da condição é, tradicionalmente, mais alta em meninos do que em meninas — a razão para essa disparidade ainda é um tema de debate entre pesquisadores. A relação de 4:1 entre meninos e meninas no diagnóstico de autismo é uma estatística frequentemente observada, mas ela pode ser enganosa, já que o diagnóstico em mulheres tende a ser mais desafiador e, muitas vezes, subestimado. Vários fatores contribuem para esse subdiagnóstico, entre eles o fato de que os sintomas do autismo podem se apresentar de maneira diferente nas mulheres, muitas vezes se camuflando em comportamentos socialmente aceitos ou normatizados. Por exemplo, meninas podem demonstrar mais habilidades de imitação social e desenvolver estratégias de camuflagem ou "máscaras sociais" para se ajustar às expectativas sociais, dificultando a identificação dos sinais clássicos do transtorno (APA, 2023).

Adicionalmente, as expectativas de gênero podem influenciar tanto a percepção social quanto a médica sobre o comportamento das mulheres autistas. Comportamentos considerados típicos do autismo, como a falta de interesse por interações sociais ou os padrões repetitivos de interesse, podem ser erroneamente interpretados como dificuldades emocionais, traços de personalidade ou até mesmo como reflexos de condições como a ansiedade ou a depressão, que são mais



frequentemente diagnosticadas em mulheres. Esses estereótipos de gênero, juntamente com a falta de conhecimento sobre a diversidade no espectro autista, criam barreiras significativas para o diagnóstico precoce e a intervenção, prejudicando a qualidade de vida de muitas mulheres que poderiam se beneficiar de um suporte mais adequado (Beck et al., 2020).

Portanto, o subdiagnóstico de mulheres autistas não se limita a uma simples questão de números, mas envolve uma complexa interação de fatores relacionados à compreensão social do autismo, às normas de gênero e às abordagens diagnósticas. Este ensaio propõe-se a investigar, a partir de uma revisão da literatura existente, como as representações sociais, os estereótipos de gênero e as concepções limitadas sobre o autismo contribuem para a dificuldade em diagnosticar o TEA em mulheres. Ao abordar esses aspectos, espera-se ampliar a compreensão sobre os desafios enfrentados por mulheres autistas e fornecer uma base para discussões sobre a necessidade de mudanças na forma como o autismo é diagnosticado e tratado.

Sendo assim, objetiva-se investigar como as representações sociais e os estereótipos de gênero influenciam o subdiagnóstico de mulheres autistas, por meio de uma revisão da literatura existente, visando contribuir para uma compreensão mais ampla da interseção entre gênero e autismo e entender o diagnóstico tardio.

## **METODOLOGIA**

Este estudo configura-se como uma revisão sistemática da literatura, com o objetivo de analisar o subdiagnóstico de mulheres autistas e as abordagens terapêuticas relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres, com foco nas influências de gênero no diagnóstico, as estratégias de camuflagem e as terapias farmacológicas e não farmacológicas. A pesquisa buscará avaliar a eficácia de intervenções que considerem as particularidades das mulheres autistas, como o impacto dessas abordagens na melhoria da qualidade de vida, bem-estar emocional e desenvolvimento social.

A coleta de dados foi realizada em bases de dados eletrônicas amplamente reconhecidas, incluindo PubMed, LILACS, Periódicos CAPES, EMBASE e SciELO. A busca foi orientada pelos descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Autismo”, “Mulheres”, “Subdiagnóstico do Autismo”, “Tratamentos Farmacológicos”, “Intervenções Não



Farmacológicas”, “Camuflagem Autista”, “Eficácia Terapêutica” e “Diagnóstico do Autismo”, com o intuito de identificar estudos relevantes sobre as abordagens diagnósticas e terapêuticas para mulheres autistas.

Os critérios de inclusão foram estabelecidos para garantir que os estudos selecionados fossem relevantes para a temática proposta. Foram considerados ensaios clínicos randomizados, estudos de coorte, revisões sistemáticas, metanálises, estudos qualitativos e estudos de intervenção que abordassem o diagnóstico e tratamento do TEA em mulheres. Os estudos incluídos deveriam apresentar uma análise crítica sobre a eficácia de terapias farmacológicas e não farmacológicas em mulheres autistas, com ênfase no impacto da camuflagem social e das expectativas de gênero sobre o diagnóstico e tratamento. Além disso, os estudos deveriam incluir dados sobre a melhoria das funções cognitivas, sociais e emocionais das mulheres autistas, bem como sobre a qualidade de vida dessas pacientes.

A pesquisa foi restrita a estudos publicados entre 2019 e 2024, a fim de garantir que os dados fossem os mais atuais e relevantes. A seleção foi limitada a artigos redigidos em português, inglês ou espanhol. Os critérios de exclusão foram aplicados rigorosamente, descartando publicações anteriores a 2019, para garantir a atualidade das informações. Também foram excluídos estudos que não abordaram diretamente o diagnóstico ou tratamento de mulheres autistas, como aqueles que se concentraram exclusivamente em aspectos gerais do autismo ou que não exploraram especificamente as nuances relacionadas ao gênero.

A busca inicial resultou em 1.045 registros. A triagem preliminar, baseada na leitura dos títulos e resumos, levou à exclusão de 753 artigos que não atendiam aos critérios de inclusão. Os 292 artigos restantes foram analisados em profundidade, resultando na seleção final de 13 estudos, que discutem de forma substancial os desafios diagnósticos e as abordagens terapêuticas para mulheres autistas. Durante a análise, os métodos e resultados desses estudos foram cuidadosamente examinados para identificar as terapias mais eficazes, as evidências científicas que as sustentam e as limitações e desafios enfrentados no diagnóstico e tratamento do autismo em mulheres.

A análise foi realizada com base nas melhores práticas científicas atuais, em conformidade com diretrizes de tratamento e intervenções recomendadas para o



manejo do Transtorno do Espectro Autista, com uma ênfase particular nas abordagens adaptadas às mulheres, levando em conta as especificidades de gênero e as manifestações do TEA nesse grupo.

## **RESULTADOS**

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres é uma questão complexa e desafiadora, que tem sido historicamente subestimada e negligenciada, devido a uma série de fatores relacionados a estereótipos de gênero, expectativas sociais e estratégias de camuflagem. Embora o TEA seja amplamente reconhecido como um transtorno do desenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação social e comportamentos repetitivos, a prevalência do transtorno é significativamente maior em meninos do que em meninas, o que tem levado a uma maior dificuldade no diagnóstico de mulheres. Essa disparidade está, em grande parte, associada ao fato de que os sintomas autistas em mulheres frequentemente se apresentam de forma mais sutil e menos típicas, o que dificulta sua identificação (Soares et al., 2023).

Um dos principais fatores que contribuem para o diagnóstico tardio em mulheres é o fenômeno da "camuflagem" ou "masking", no qual as mulheres autistas, em sua maioria, tendem a esconder ou disfarçar seus sintomas autistas, principalmente em situações sociais. Isso ocorre devido à pressão social para se conformarem às expectativas de gênero, que exigem comportamentos mais sociais, empáticos e interativos, características que muitas mulheres autistas buscam imitar para se ajustarem ao que é considerado "normal" no contexto social. O masking pode resultar em um grande desgaste emocional e psicológico, frequentemente levando a comorbidades como depressão e ansiedade, que são mais prevalentes em mulheres autistas do que em homens (Gesi et al., 2021).

Além disso, os testes e métodos diagnósticos tradicionais nem sempre são adequados para identificar o TEA em mulheres, pois muitos desses instrumentos são baseados em um modelo estereotípico de autismo, que se alinha mais com a apresentação do transtorno em meninos. Os estereótipos de gênero associados ao autismo, como a expectativa de que meninas sejam mais sociáveis e comunicativas, também contribuem para a invisibilidade das mulheres no espectro autista. As mulheres

com TEA muitas vezes apresentam comportamentos que são interpretados como introversão ou timidez, características que são culturalmente mais aceitas ou esperadas em meninas, em contraste com os comportamentos mais "agressivos" ou "desafiadores" observados em meninos com TEA, que tendem a chamar mais a atenção para a necessidade de diagnóstico (Green et al., 2019).

Essa interação entre as expectativas de gênero e a apresentação do TEA em mulheres resulta em um erro diagnóstico frequente, que pode atrasar a intervenção e o acesso a tratamentos adequados. A falta de reconhecimento das especificidades das mulheres autistas contribui para um subdiagnóstico significativo, com implicações prejudiciais para sua saúde mental e qualidade de vida. O diagnóstico preciso e oportuno não só facilita o acesso a cuidados médicos e terapias adequadas, mas também é fundamental para a inclusão social e o bem-estar psicológico das mulheres autistas, proporcionando uma rede de apoio que pode diminuir o risco de suicídio, que é significativamente maior entre as mulheres com TEA. Portanto, é essencial um avanço na compreensão das manifestações do autismo em mulheres, com a criação de ferramentas diagnósticas que considerem as diferenças de gênero e as estratégias de masking, para garantir um diagnóstico precoce e eficaz (Freire, Peres, 2022).

O diagnóstico do TEA em mulheres tem se mostrado um desafio significativo na prática clínica, principalmente devido às diferenças sintomatológicas que podem ser observadas entre os sexos. Estudos indicam que as mulheres são diagnosticadas tardiamente em relação aos homens, o que está associado à sutileza dos sintomas e à dificuldade em reconhecer as manifestações clínicas do transtorno no sexo feminino. As meninas com TEA frequentemente apresentam dificuldades sociocomunicativas mais sutis, o que contribui para a subnotificação do transtorno, uma vez que seus comportamentos podem ser confundidos com características típicas de outros quadros, como timidez ou hipersensibilidade. Além disso, muitas meninas com TEA têm um alto padrão de inteligência, o que pode mascarar o transtorno e dificultar sua detecção em idades mais precoces (Lima et al., 2024).

Outro fator que contribui para a dificuldade no diagnóstico é a predominância de sintomas sociais mais evidentes nos meninos, enquanto nas meninas o comprometimento pode ser mais discreto e menos estereotípico, especialmente no que



diz respeito a comportamentos repetitivos e padrões restritos. As meninas com TEA tendem a disfarçar melhor os sintomas, o que leva a um reconhecimento tardio ou até mesmo à falta de diagnóstico. Estudos apontam que, quando o diagnóstico é feito, ele ocorre com maior frequência em idades mais avançadas, já que os critérios diagnósticos comuns nem sempre são adequados para identificar as manifestações autísticas nas mulheres (Brunetto, Vargas, 2023).

Além disso, o TEA nas mulheres tende a se apresentar com maior gravidade na parte sociocomunicativa e em relação ao quociente de inteligência, o que pode levar a um quadro de maior comprometimento funcional. A dificuldade de diagnóstico em meninas também pode estar associada à limitação dos instrumentos diagnósticos, que muitas vezes não são sensíveis às particularidades desse grupo. Assim, é necessário um aprimoramento nos critérios diagnósticos e uma maior atenção às diferenças de manifestação do TEA entre os sexos para garantir que as mulheres com autismo, especialmente aquelas com inteligência média ou alta, sejam adequadamente identificadas e recebam o suporte necessário (Lin et al., 2021).

Os estudos analisados indicam que o TEA é frequentemente subdiagnosticado ou diagnosticado tardiamente em meninas, em comparação aos meninos, devido a uma série de fatores relacionados às características do transtorno e ao preconceito de gênero. As meninas com TEA tendem a apresentar uma sintomatologia mais sutil, especialmente no que diz respeito a comportamentos repetitivos e estereotipados, que são mais prevalentes nos meninos. Em contrapartida, as meninas demonstram maior dificuldade sociocomunicativa, mas esses sinais são muitas vezes confundidos com comportamentos típicos de timidez ou ansiedade, o que contribui para a subnotificação do transtorno. Essa diferença de apresentação pode levar a interpretações errôneas, resultando em diagnósticos equivocados ou tardios (Lucena, Oliveira, 2023).

Adicionalmente, a visão cultural sobre os comportamentos das meninas, que são socialmente esperadas a se comportar de maneira mais controlada, pode também favorecer o subdiagnóstico, pois as dificuldades sociocomunicativas não são facilmente reconhecidas como indicativas de TEA. A complexidade do diagnóstico é ainda aumentada pela ausência de um instrumento único de diagnóstico, sendo comum a utilização de múltiplos instrumentos em conjunto, o que pode gerar dificuldades



adicionais na identificação precoce do transtorno, especialmente nas meninas (Arcos, Pereira, 2021).

Esses fatores ressaltam a necessidade de uma maior conscientização sobre as diferenças de gênero no TEA, para garantir que as meninas recebam o diagnóstico adequado em idades mais precoces, permitindo uma intervenção mais eficaz. O diagnóstico tardio ou ausente em meninas, se não abordado, pode impactar significativamente no desenvolvimento e na adaptação social dessas pessoas, tornando imprescindível a adequação dos critérios diagnósticos e a formação de profissionais capacitados a reconhecer as manifestações específicas do TEA no sexo feminino (Arcos, Pereira, 2021).

Sendo assim, a complexidade do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres está diretamente associada a diversos fatores que dificultam sua identificação precoce, impactando negativamente a qualidade de vida e o desenvolvimento do paciente. Atrasos no diagnóstico, particularmente em meninas, são frequentemente observados devido à apresentação mais sutil dos sintomas, como dificuldades sociocomunicativas, que podem ser interpretadas como timidez ou ansiedade, em vez de sinais indicativos do transtorno. Além disso, o diagnóstico tardio é ainda mais prevalente em países de baixa e média renda, como o Brasil, onde o acesso à saúde e à informação é limitado, e fatores étnicos e econômicos podem agravar a situação (Vasconcelos, 2022).

A influência do gênero também desempenha um papel crucial nesse atraso, visto que o TEA nas meninas tende a ser menos reconhecido, resultando em diagnósticos mais tardios. Quando o diagnóstico do TEA é realizado precocemente, a possibilidade de reabilitação dos sintomas e o desenvolvimento social do paciente aumentam significativamente (Vasconcelos, 2022). No entanto, quando o diagnóstico ocorre tardiamente, as dificuldades comportamentais podem se agravar, prejudicando o estabelecimento de relações sociais, aumentando a agressividade, causando crises nervosas e até resultando em hipersensibilidade sensorial ou retardo mental. Portanto, o retardamento do diagnóstico dificulta a superação dos obstáculos relacionados ao TEA, tornando o processo de autoconhecimento e autoaceitação mais complexo para os pacientes e seus familiares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste artigo evidencia que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres é um desafio significativo, com múltiplos fatores influenciando a identificação precoce e precisa do transtorno. A principal dificuldade reside nas manifestações clínicas do TEA, que nas mulheres tendem a ser mais sutis e atípicas quando comparadas aos homens. As dificuldades sociocomunicativas, muitas vezes confundidas com características de timidez ou introversão, além da menor prevalência de comportamentos repetitivos e estereotipados, são fatores que contribuem para a subnotificação e diagnóstico tardio. A pressão social para que as meninas se comportem de maneira mais socialmente adequada também tem um papel importante, já que muitas mulheres autistas recorrem ao fenômeno de "camuflagem" ou "masking" para esconder seus sintomas, o que pode resultar em um desgaste emocional significativo e no desenvolvimento de comorbidades, como ansiedade e depressão.

Além disso, a presença de estereótipos de gênero, que associam características de sociabilidade e empatia a mulheres, reforça a invisibilidade do TEA feminino, uma vez que as manifestações típicas do transtorno nos meninos — como comportamentos mais agressivos e desafiadores — frequentemente atraem mais atenção, facilitando o diagnóstico. A discrepância entre a apresentação do TEA em meninos e meninas também reflete a inadequação de muitos instrumentos diagnósticos, que frequentemente não são sensíveis às particularidades de cada sexo, dificultando a detecção precoce nas mulheres.

O diagnóstico tardio ou ausente tem sérias implicações para a saúde mental e o desenvolvimento social das mulheres com TEA. O atraso no diagnóstico compromete a possibilidade de intervenções precoces, o que aumenta os riscos de agravamento dos sintomas, dificuldades no estabelecimento de relacionamentos sociais e o desenvolvimento de transtornos associados, como a agressividade, crises nervosas e hipersensibilidade sensorial. Além disso, o diagnóstico preciso e precoce é fundamental para promover o autoconhecimento e a autoaceitação, fatores essenciais para a melhoria da qualidade de vida das mulheres autistas.

Portanto, é imperativo que os critérios diagnósticos sejam atualizados para



refletir as diferenças de gênero na apresentação do TEA, com ênfase nas particularidades do sexo feminino e no fenômeno da camuflagem. A criação de ferramentas diagnósticas mais sensíveis, que contemplem essas diferenças, pode ajudar a garantir um diagnóstico mais precoce e preciso, possibilitando intervenções mais eficazes e adequadas. Ademais, é necessário um aprimoramento na formação de profissionais, que devem estar capacitados para identificar as manifestações do TEA de maneira mais abrangente e sensível às especificidades de cada gênero.

A partir dos achados deste estudo, fica claro que o entendimento do TEA em mulheres ainda está em processo de evolução. A complexidade do diagnóstico e a necessidade de abordagens mais inclusivas e adaptadas demandam mais pesquisas aprofundadas que explorem as nuances da manifestação do transtorno no sexo feminino, incluindo os aspectos culturais, sociais e neurobiológicos. Somente por meio de uma investigação contínua será possível otimizar o diagnóstico, reduzir o subdiagnóstico e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida das mulheres com TEA.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ARCOS, G. M. de C. G.; PEREIRA, A. C. L. DIFICULDADES NO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO EM MENINAS. Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde, v. 1, 2021.

BECK, J. S. et al. Looking good but feeling bad: “Camouflaging” behaviors and mental health in women with autistic traits. *Autism*, v. 24, n. 4, p. 809-821, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32429817/>. Data de acesso: 27 jun. 2024.

BRUNETTO, D.; VARGAS, G. Meninas e mulheres autistas: completar o espectro é uma questão de gênero. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v. 16, n. 47, p.258-275, 2023. Disponível em: <file:///C:/Users/Administrador/Downloads/15682-68657-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

FREIRE, M. G.; PERES, S. Diagnóstico do autismo em meninas: Revisão sistemática. *Revista Psicopedagogia*, v. 39, n. 120, 2022. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862022000300013](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862022000300013). Acesso em: 10 nov. 2024.

GESI, C. et al. Gender differences in misdiagnosis and delayed diagnosis among adults with autism spectrum disorder with no language or intellectual disability. *Brain Sciences*, v. 11, 2021, artigo 912. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/brainsci11070912>. Acesso em: 27 jun. 2024.



GEELHAND, P. et al. The role of gender in the perception of autism symptom severity and future behavioral development. *Molecular Autism*, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13229-019-0266-4> . Acesso em: 27 jun. 2024.

GREEN, R. M. et al. Women and Autism Spectrum Disorder: Diagnosis and Implications for Treatment of Adolescents and Adults. *Current Psychiatry Reports*, v. 21, 2019, artigo 22. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11920-019-1006-3>. Acesso em: 27 jun. 2024.

LIMA, P. R. et al. Autismo: Impactos clínicos e diagnóstico tardio em mulheres - Revisão bibliográfica. *International Seven Journal of Health*, São José dos Pinhais, v.3, n.2, 2024. Disponível em: <file:///C:/Users/Administrador/Downloads/isevjhv3n2-009-BR.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

LIN, J. et al. Transtorno do Espectro Autista em Meninas: Características Clínicas e Dificuldades Diagnósticas. *Bol Curso Med UFSC*, v. 8 n. 2, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Administrador/Downloads/5199-Texto%20do%20artigo-20323-1-10-20221109.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

LUCENA, L. C. DE; OLIVEIRA, I. C. G. DE. O transtorno de espectro autista e as experiências narrativas de mulheres no Instagram. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 27, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/9n3KgWgg9d4J6WFZMZkdZGJ/#>. Acesso em: 1-nov. 2024.

SOARES, A. et al. Revisão de escopo: as implicações do diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista em mulheres. *Semantic Scholar*, [S.l.], 2023. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Revis%C3%A3o-de-escopo%3A-as-implica%C3%A7%C3%B5es-do-diagn%C3%B3stico-do-Soares-Silva/f53d70e5e95134baf2e1cff4659a6d9e8bb29963>. Acesso em: 27 jun. 2024.

VASCONCELOS, V. C. MENINAS E MULHERES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: DIAGNÓSTICOS, RECONHECIMENTOS E VIVÊNCIAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS. DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/15923/MENINAS%20E%20MULHERES%20COM%20TRANSTORNO%20DO%20ESPECTRO%20DO%20AUTISMO%20DIAGN%C3%93STICO%20E%20RECONHECIMENTOS%20E%20VIV%C3%84NCIAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 nov. 2024.